

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física

João César Nunes Tortorella

Pré-jogo no futebol: O treinador e a preleção

Porto Alegre
2010

João César Nunes Tortorella

Pré-jogo no futebol: O treinador e a preleção

Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física, submetido como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser

Porto Alegre
2010

João César Nunes Tortorella

O pré-jogo no futebol: O treinador e a preleção

Conceito Final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Prof. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientador – Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que me deu forças para seguir em frente quando a barreira parecia intransponível.

Agradeço à minha mãe, por todo apoio, estrutura e amor ao longo da minha existência.

Ao Esporte Clube Cruzeiro, ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e, principalmente, ao Sport Club Internacional por todas as oportunidades de crescimento profissional.

Ao professor Rogério da Cunha Voser por toda ajuda, paciência e principalmente pela amizade construída ao longo desses anos de convivência.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo ensino gratuito e de qualidade.

RESUMO

O treinador é indispensável para o desempenho de uma equipe. É dele a responsabilidade maior de liderar o grupo de trabalho. Cabe a ele também, além de planejar o ano de trabalho, organizar com cuidado a rotina de treinamento, cuidando de seus detalhes para que chegada a hora principal, que é a hora do jogo, nada dê errado. Os momentos que precedem uma partida, são marcados de muita expectativa por parte de todos (comissão técnica e atletas), por isso o trabalho pré-jogo é muito importante, em especial o momento da preleção.

Este estudo de cunho qualitativo e descritivo tem como objetivo identificar a atuação do treinador de futebol durante o pré-jogo no futebol, mais especificamente no momento chamado de preleção. Foram entrevistados 5 treinadores das categorias de base de um clube profissional de Porto Alegre-RS. As entrevistas foram posteriormente transcritas e validadas pelos próprios treinadores. Após realizada a análise dos dados foi possível identificar que a preleção é tida como elemento fundamental do pré-jogo. As palestras assumem uma característica de finalizar, relembrar o trabalho da semana, tendo assim a necessidade de serem bem objetivas e sucintas, sendo que a parte tática do jogo é comumente mais trabalhada durante a semana. Todos os treinadores mostraram ter bastante conhecimento no assunto e indicam ter uma metodologia de trabalho bem parecida no que tange a utilização da preleção.

Palavras-chave: Futebol. Treinador. Pré-jogo. Preleção.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem do treinador e reflexo na equipe22

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	6
1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVOS	9
2.1 OBJETIVO PRINCIPAL	9
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	10
3.1 COMISSÃO TÉCNICA NO FUTEBOL	10
3.2 TREINADOR	12
3.2.1 QUANTO MAIS PREPARADO MELHOR.....	13
3.2.2 A IMPORTÂNCIA DA LIDERANÇA	14
3.2.3 DA FORMAÇÃO DO TREINADOR.....	15
3.2.4 CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS E SOCIAIS	16
3.2.5 SABER ENSINAR, QUALIDADES DE PROFESSOR.....	18
3.3 TIPOS DE TREINADORES	19
3.4 FUNÇÕES DO TREINADOR	22
3.5 PRÉ-JOGO: A PRELEÇÃO	25
4 MATERIAIS E MÉTODOS.....	27
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	27
4.2 SUJEITOS DO ESTUDO	27
4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	28
4.3.1 ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	28
4.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	28
4.5 PRESSUPOSTOS ÉTICOS	30
5 DISCUSSÃO	31
6 CONCLUSÃO E ENCAMINHAMENTO DE NOVOS ESTUDOS.....	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXO 1.....	41
ANEXO 2.....	42
ANEXO 3.....	43

1 INTRODUÇÃO

O futebol enquanto esporte de oposição necessita de constante superação e energia por aqueles que o praticam. Esta “situação de energia” deve ser mobilizada antes do jogo e permanecer no decorrer deste. Um dos momentos de maior concentração está nos momentos que antecedem o jogo denominado preleção.

É função do treinador se preocupar com o pré-jogo. Em especial com a preleção que antecede a partida. Momento esse que é de suma importância, pois se diz no futebol que “partida também se ganha no vestiário”.

A motivação pode ser automática. Para Both e Malavasi (2005) ela é conceituada como o processo que leva as pessoas a uma ação ou inércia em diversas situações. O atleta pode trazer consigo a vontade de jogar e a sede pela vitória. Mas ao mesmo passo existem indivíduos que precisam de estímulos externos. Com isso, uma das grandes tarefas do verdadeiro líder é despertá-la nos liderados.

No papel de líder no futebol temos a figura do treinador. O treinador é indispensável para o desenvolvimento técnico e tático da equipe. Pela multiplicidade de funções que desempenha: técnico, educador, organizador, conselheiro, estrategista e líder, o mesmo exerce significativa influência no comportamento dos atletas (CARRAVETTA, 2006).

Por atuar neste universo e por acreditar que há muito que ser estudado me proponho a realizar este estudo. Desenvolvo meu trabalho no futebol desde que ingressei na faculdade e sempre busquei materiais de apoio sobre o assunto e existe uma dificuldade grande em encontra-los. Talvez por não existir uma receita de bolo ou uma fórmula mágica quando o assunto é futebol, o material acerca de fatores extra-campo, em especial o pré-jogo seja escasso. Acredito que existam princípios que possam ser estudados e futuramente virem a ser aprimorados.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo principal

O objetivo principal desta pesquisa será analisar o enfoque dado pelo treinador na sua preleção, identificando sua importância a partir dos aspectos abordados pelo mesmo.

2.2 Objetivos específicos

Ainda como objetivos específicos este estudo se propõe: definir preleção do ponto de vista do treinador; identificar o perfil geral desses profissionais com suas principais características, levando em consideração a sua formação; analisar os conteúdos que são apresentados pelo treinador durante uma preleção, identificando seus elementos mais importantes.

A seguir é apresentado a revisão de literatura a fim de dar embasamento teórico a esta pesquisa.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Comissão Técnica no Futebol

Para Oliveira (2005) o futebol não é um jogo somente composto por 22 jogadores divididos em duas equipes adversárias onde o objetivo é a obtenção da vitória. Um jogo de futebol é muito mais complexo do que isso, além do que encontra-se em mutação constante o que provoca uma evolução natural.

Argimon (2006) diz que além da compreensão lógica do jogo (aspectos físicos, técnicos, táticos...) existe por trás toda uma organização clubística. Tal estrutura advém da evolução do futebol, do avanço tecnológico e da aplicação da ciência, que trazem consigo um modo panorâmico de enxergar o esporte. Desse cenário surgem as primeiras idéias acerca de um grupo multidisciplinar de trabalho, que visa de maneira integrada o sucesso de uma equipe dentro do campo de jogo, a comissão técnica.

De acordo com Azevedo (2007) uma comissão técnica é uma equipe constituída por profissionais responsáveis pelo planejamento e execução das atividades que visam concretizar os objetivos propostos pelo clube, que normalmente são vencer as competições que participa.

Mas nem sempre as comissões técnicas foram numerosas como hoje em dia. Segundo Carravetta (2006) tudo passou por uma evolução, de acordo com o profissionalismo das pessoas envolvidas com a administração dos clubes e com o dia-a-dia dos treinamentos das equipes. Além claro do avanço tecnológico que trouxe consigo a formação empírica de tais profissionais.

A composição das equipes técnicas no futebol brasileiro inicia respectivamente com o reconhecimento do profissionalismo pela antiga CBD e com modificações introduzidas a partir da copa de 1938, que consta basicamente no aumento de pessoas envolvidas com a preparação da seleção (AZEVEDO, 2007). Segundo Román (2010), na copa de 1930 por exemplo, a comissão técnica da seleção era composta por um chefe, um secretário, um treinador e dois membros adicionais na comissão técnica (não especificadas as funções).

De acordo com Oliveira (2002) nos anos 40 com o advento da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), as relações entre os jogadores e os colaboradores (treinadores e outros) passaram a ser regulamentadas. Nessa mesma época é acentuada a proliferação dos campos de

várzea por todo território brasileiro, aparecendo novas equipes e logo um crescimento expressivo de atletas amadores (JESUS, 2002). E é nesse ambiente, essencialmente amador que se tem início a formação empírica. Pois os homens que lideravam os times de várzea, com sua liderança, parceria, autoridade, linguagem convivência e domínio do jargão do futebol varzeano passam a se inserir nos clubes profissionais a fim de repassar os valores e os costumes do futebol.

Tega (2008) diz que até os anos 50 principalmente, têm-se a figura do treinador eclético. Aquele treinador que faz tudo. Que é responsável desde a organização da parte principal que seriam os treinamentos e a preparação física (ainda que não se tivesse a mesma visão contemporânea de treinamento físico) até as funções secundárias como organização dos materiais, dos uniformes, da água na beira do campo, de alguma eventual massagem e curativos.

Azevedo (2007) diz que por volta de 1958 inicia-se um processo de integração no gerenciamento do futebol. Inicia com o corpo diretivo do clube, que fica mais abrangente com a criação de inúmeros departamentos (futebol, finanças, social, etc.) passando pelo aumento de alguns elementos na comissão técnica, principalmente com o advento da figura do preparador físico que era alguém com quem o treinador poderia dividir o trabalho, dialogar sobre eventuais dúvidas e até mesmo tomar conselhos, além do médico e do massagista. Com isso, segundo Tega (2008), as atenções do treinador começam a ficar mais voltadas para as questões do treinamento no campo de jogo, o que proporciona uma melhor qualidade na preparação dos atletas o que é sentido principalmente na campanha vitoriosa da seleção brasileira na copa de 1958.

Esse processo de qualificação da comissão técnica é permanente, mas ao mesmo tempo gradual. O aumento do número de pessoas ocorre sempre liderado pelo treinador. No início dos 70, ocorre a inclusão da figura dos auxiliares (TEGA, 2008). O treinador passa a ter um braço-direito, chamado auxiliar técnico que é quem o auxilia na organização dos treinamentos principais (sejam eles técnicos ou táticos), o preparador físico oriundo dos anos 50 ganha um auxiliar, nomeado auxiliar de preparação física e surge a figura do preparador de goleiros. Que provoca um aumento da qualidade técnica devido ao esforço direcionado dos jogadores desta posição. Na parte da saúde, agora nomeada de departamento médico, surgem o médico especialista em medicina esportiva, o ortopedista e aliados à estes, os fisioterapeutas, massagistas, psicólogo, nutricionista, dentista, calista, entre outros (BARRIONUEVO, 2008). Esta estrutura é preponderante nas equipes profissionais durante os anos 70, 80 e início dos 90.

Nos anos 90 surgem mais ramificações com o aumento do número de auxiliares e com a busca de uma melhor estruturação para o departamento de futebol. De acordo com Medina *apud* Tega (2008) aparecem as figuras da coordenação técnica, onde surgem diretores específicos para supervisionar o trabalho de campo e o planejamento de trabalho passa a ser integrado com os departamentos de apoio médico, de nutrição, de fisiologia, psicologia e outras especialidades.

O que fica deflagrado, apesar de toda esta evolução é que a figura do treinador, passa a cada momento, a se tornar mais específica, mais especialista, mais técnico (TEGA, 2008). De um treinador que fazia tudo nos anos 1950, agora ele passa a ser técnico em preparar equipes técnica e taticamente.

3.2 Treinador

Como citado anteriormente, o treinador encabeça a comissão técnica em uma equipe de futebol. De acordo com Carravetta (2006), ele deve ser o responsável pela maior parte das decisões da comissão técnica. Em torno dele giram todas as idéias a respeito do futebol no clube. É a partir do treinador principal que se começa a definir os rumos que a equipe de trabalho (comissão) e o plantel de atletas irá tomar.

O treinador, Para Venzon (1998) é indispensável para o desenvolvimento e a progressão técnica e tática da equipe. O trabalho de base que executa consiste em organizar e liderar o treinamento do time em função de suas possibilidades, de seus resultados e de seus objetivos.

Segundo Drubscky (2003), o treinador é o especialista mais próximo dos jogadores. Pela multiplicidade de funções que desempenha – técnico, educador, organizador, conselheiro, estrategista e líder -, exerce uma significativa influência no comportamento dos atletas.

3.2.1 Quanto mais preparado melhor

O treinador tem de ser um permanente estudioso das questões ligadas ao exercício da sua função. Precisa acompanhar os progressos da ciência do treino em todas as suas vertentes, fazendo leituras, freqüentando seminários, conversando com outros treinadores, numa atitude aberta e interessada (não interesseira). Para Adelino *apud* Castro (2006) deve acompanhar o avanço tecnológico, introduzindo, na sua prática, os elementos mais acessíveis de utilização na sua realidade, mantendo-se alerta aos resultados das primeiras tentativas de aplicação no esporte das mais recentes conquistas tecnológicas do mundo.

Analisando a importância desse profissional no futebol, Jorge *apud* Costa e Samulski (2006) afirma que nos dias atuais, o treinador deve ter conhecimento, capacidade e competência para controlar um grande número de variáveis que determinam o desenvolvimento da sua atividade. Sendo assim, a possibilidade do treinador intervir pontualmente durante o intervalo e/ou no decorrer de uma partida demanda uma forte relação de confiança junto ao atleta, o que pode se apresentar como um dos fatores determinantes para o sucesso (SAMULSKI, NOCE e PUSSIELDI, *apud* COSTA E SAMULSKI, 2005).

O treinador segundo Weinberg e Gould *apud* Gomes (2005) pode obter maior eficácia no seu trabalho se reunir o maior número de qualidades pessoais tais como inteligência, empatia, motivação intrínseca, flexibilidade ambição, autoconfiança, otimismo, etc.

Rosado e Mesquita *apud* Mendes (2009) são da opinião de que há uma necessidade de treinadores bem preparados, com qualificação. O que faz com que apenas seu passado esportivo não seja o suficiente.

O treino é um processo complexo no qual interagem distintas variáveis de forma constante e dinâmica (MENDES, 2009). Então como afirma Macedo *apud* Mendes (2009) a forma como o treinador procede ao manuseio dessas variáveis e como estabelece a interação entre elas, condiciona em grande parte o sucesso do treinador na evolução do rendimento de atletas e de equipes.

Toda essa exigência faz com que os treinadores necessitem de um vasto leque de conhecimentos, por exemplo, técnicos, biológicos e psico-pedagógicos (MENDES, 2009). Araújo *apud* Mendes (2009) refere que ser treinador exige um conhecimento multidisciplinar. Sendo que os conhecimentos de tática, técnica e preparação de jogo são imprescindíveis para o mesmo, e é inevitável que haja uma especialização do treinador. Há de ter também um bom conhecimento de pedagogia e metodologia do ensino.

Rosado e Mesquita *apud* Mendes (2009) citam que um treinador moderno precisa entender a caráter integrado e complexo de todo processo de treinamento e desenvolvimento dos atletas.

Os treinadores devem buscar serem o mais competente possível, pois o esporte está cada vez mais profissional e desenvolvido. Isso faz, segundo Mendes (2009), que o treinador seja um agente engajado e consciente das suas tarefas. Uma pessoa responsável que planeja, orienta a ação e avalia todo o processo.

3.2.2 A importância da liderança

O treinador pode agregar às suas características a capacidade de conduzir o grupo de atletas afim de transforma-los em uma equipe que gere resultados. Essa habilidade segundo Zanini (2009) é também a habilidade de motivar e influenciar os liderados, de forma ética e positiva para que contribuam com entusiasmo afim de alcançarem os objetivos da equipe, chamada de liderança.

De acordo com Silva (2009) a liderança é um tema importante para os gestores devido ao papel fundamental que os líderes representam na eficácia do grupo e da organização. Para Mutti (1990), o treinador precisa possuir qualidades de comando, em especial a capacidade de liderança, para, apesar das dificuldades, obter o máximo de rendimento dos seus atletas.

O treinador enquanto líder do grupo de trabalho (atletas e comissão técnica) é um dos grandes responsáveis pelo sucesso ou fracasso da organização. Ainda segundo Silva (2009) liderança exige paciência, disciplina, humildade, respeito e compromisso. E todas as atitudes do treinador terminam por influenciar as atividades relacionadas às tarefas dos membros do grupo. Segundo Costa (2008) O líder que possui forte tendência para os traços sociais preocupa-se com a sensibilidade para subordinar as pessoas.

Segundo Chiavenato *apud* Costa (2008) o líder (treinador) deve ter conhecimentos de técnicas e procedimentos para liderar uma equipe. Deve ter a conduta necessária para dar exemplo e exercer influencia no comportamento de seus subordinados.

O técnico principal precisa ter consigo a necessidade de saber influenciar indivíduos afim de que todos alcancem os objetivos definidos. O caráter desse conhecimentos se torna útil uma vez que inúmeros conjuntos de dimensões caracterizam esse tema, sejam as tomadas

de decisões a serem feitas, sejam as técnicas de motivação utilizadas, as estratégias de relacionamento interpessoal, os feedbacks, enfim, toda a parte de política e estratégia de planejamento para orientar o grupo ao rendimento desejado. (HORN *apud* GOMES, 2005).

Dosil, *apud* Costa e Samulski (2006) afirma que atualmente, no futebol, a função do treinador como líder de uma equipe está cada vez mais evidente, a ponto de ser impossível realizar um estudo e/ou uma intervenção psicológica sem introduzir decisivamente a figura do mesmo.

Segundo Weinberg e Gould (2001), técnicos que são bons líderes fornecem não apenas uma visão daquilo pelo que se luta, mas também a estrutura, a motivação e o apoio do dia-a-dia para transformar a visão em realidade.

3.2.3 Da formação do treinador

Conforme Carravetta (2006), no universo dos treinadores de futebol, um número expressivo de bons treinadores foi jogador de futebol. Portanto, devemos considerar que essa experiência é proveitosa para o desempenho da função. Por outro lado, todos os treinadores que tenham ou não formação em educação física, que possuam ou não experiência como jogadores de futebol, tem a obrigação de participar de programas de atualização que lhes permitam adquirir suficientes conhecimentos técnicos, teóricos ou práticos para qualificação do desempenho da função.

Não se pode generalizar e dizer que todos que atuam como treinadores e que tiveram toda uma história dentro das quadras, mas não tiveram uma formação acadêmica, estes não podem exercer a profissão (CASTRO, 2006).

Como citado por Carravetta (2006), Castro (2006) também acredita que os treinadores leigos, como são chamadas aquelas pessoas que trabalham no desporto, mas não tem uma formação acadêmica (desportistas, ex-atletas e abnegados), não podem e não devem ficar fora do processo do desporto nacional, pois sabemos que nas mais longínquas cidades do nosso Brasil, a dificuldade de se ter um intercâmbio é grande, então, a esperança que resta para essa juventude, são esses abnegados na qual vivem na própria comunidade.

Observa-se hoje, principalmente no esporte de performance, alguns profissionais que são treinadores, mas não se interessam pelas áreas afins, isto é, aquelas áreas ligadas

diretamente ao desporto. Muitos se acham auto-suficientes, e, aí, se encontra o perigo do eu sei tudo, não preciso me capacitar, etc.

Sabemos que muitos querem ser treinadores, mas na realidade não basta só querer, tem que ter o algo mais, e este algo mais passa por uma verdadeira capacitação profissional. (CASTRO, 2006).

É importante que o treinador seja um estudioso, trocando idéias coma a sua comissão técnica, participando de congressos, cursos, lendo obras atualizadas para crescer e, assim, poder ajudar a equipe a desenvolver o potencial psicofísico. Muita gente cumpre todos esses requisitos, conhece bem a área, mas não é bom treinador para estes falta uma variável que é a comunicação.

3.2.4 Características psicológicas e sociais

Braccini (2008) analisa que um bom treinador deverá conciliar as diversas características atribuídas à função na medida certa, chegando próximo ao esperado pelos dirigentes e torcedores.

Cada treinador, segundo Braccini (2008), possui características mais marcantes que outras fazendo então do seu trabalho único, como uma marca registrada. Para Braccini (2008), os treinadores precisam ser estrategistas, disciplinadores, trabalhadores, versáteis, psicólogos e amigos.

Possuir imenso conhecimento prático do jogo, seguir normas rígidas, acreditar no ambiente familiar como conduta principal de trabalho e saber exercer uma liderança sobre o grupo de trabalho, inclusive trabalhando aspectos motivacionais junto aos jogadores e equipe como um todo, são características que para Braccini (2008) são muito importantes para um treinador.

Para Castro (2006) o treinador tem que ser um parceiro, isto é, um amigo do seu atleta no dia a dia. Não basta só ter a cobrança do trabalho. Há momentos em que os atletas, como mortais, passam por sérios problemas extra-campo, neste momento entra o carisma do treinador para com o atleta. Muitos destes momentos alguns treinadores passaram como atleta e não basta você somente ser doutor e ser o dono da verdade nesta hora, o seu tempo de

prática dentro do seu esporte específico tem que funcionar. O treinador que foi um atleta, já passou por estes momentos e sabe muito bem como resolver os problemas.

Segundo Carravetta (2006) deve ter conduta irrepreensível. O treinador deve ser o exemplo, cabe a ele ser pontual, organizado, esclarecido e de boa comunicação, seja internamente (atletas e direção) quanto externamente (imprensa e meios de comunicação em geral).

Ainda Feltz e cols. *apud* Gomes (2005) sugerem que um treinador que tenha um alto índice de comprometimento para com a atividade profissional tem como efeito a promoção de atletas mais satisfeitos com a forma como o grupo é gerenciado.

Para Martens *apud* Gomes (2005) O treinador deve se utilizar de linguagem apropriada e adaptável principalmente no caso dos atletas mais novos. Uma linguagem mais simples e sintética é importante, pois, garante uma maior atenção e compreensão da mensagem transmitida.

Weiss *apud* Gomes (2005) cita que é fundamental que um treinador demonstre uma atitude de apoio quando fases competitivas mais negativas se apresentam ao grupo de atletas.

Brunoro e Afif (1997), comentam ainda que um treinador precisa ter habilidade para criticar seus jogadores: “Se um treinador, que é o líder do time, for arrogante e fizer com que seus comandados se sintam intimidados, acabará gerando efeitos destrutivos na equipe.” (BRUNORO e AFIF, 1997. p. 84.).

Ainda segundo Weinberg e Gould *apud* Gomes (2005) o treinador deve ser flexível a ponto de adaptar-se aos contextos e locais de trabalhos mais variados, às características dos atletas e até mesmo saber exercer estilos de liderança variados justamente em função de tais variações de contexto.

Para Filho (2005) ter uma postura positiva no estilo de comando nas sessões de treinamento pode afetar de maneira significativa o ambiente de trabalho.

Para Simões, Rodrigues e Carvalho (1998) saber falar, se expressar quando necessário for são características importantes de um técnico de alto rendimento.

Ainda Simões e cols. (1998) o treinador que, na presença de uma equipe competitiva de alto rendimento, tem a oportunidade de falar não apenas a seu respeito, mas de incorporar todo um esquema arquitetado nos valores culturais, sociais e ideológicos da instituição já atua na implementação de seu estilo de trabalho.

O técnico deve saber como exigir uma estrutura dos clubes e a forma correta de introduzir novos conceitos, que abrangem desde a filosofia de trabalho até os equipamentos

físicos, como instalações, campos de treinamento, aparelhos de fisioterapia etc. (BRUNORO e AFIF *apud* CASTRO, 2006).

Muitos atletas tiveram um enorme sucesso no seu esporte específico pela expressão de suas qualidades técnicas, táticas e psicológicas (BECKER JR. 2000). O sucesso como atleta não garantirá o sucesso como treinador. Ele cumpria, antes, a sua tarefa e nunca teve noção da totalidade das peças. Melhor explicando, ele não via o jogo enquanto jogava. Outros atletas por exemplo, muito menos capazes tecnicamente, tem uma habilidade melhor para isso.

Feltz e cols. *apud* Gomes (2005) se referem que um treinador pode ser melhor aceito pelo grupo de atletas bem como maximizar os resultados finais quando possuem boas características pessoais. Um aspecto importante citado pelos autores é o do feedback corretivo, que influencia de maneira positiva e motivadora os atletas.

Simões e cols. (1998) citam que a boa conduta pessoal dos técnicos de futebol ajuda a fazer com que seus atletas cumpram suas determinações. Cria-se a relação de confiança, há a organização necessária, a comunicação e até mesmo a amizade que farão com que os treinadores consigam realizar seus objetivos através de seus liderados.

3.2.5 Saber ensinar, qualidades de professor

Filho *apud* Castro (2006), cita que o técnico deve ter sempre em mente: Saber ensinar: ser conhecedor da modalidade, procurar estar sempre atualizado, participando de cursos e palestras, assistir a competições e jogos, mesmo que sua equipe não esteja participando, ler e estudar tudo o que possa estar relacionado a seu trabalho ou ser aplicado nele e, se possível, praticar a modalidade.

Becker Jr. (2000) cita que um bom treinador deve ser uma pessoa com as qualidades de um professor. Para que isso ocorra, ele deve ter conhecimento sobre o que vai ensinar e habilidade para executar essa tarefa. Mutti (1990), cita que ser claro nas explicações e saber ensinar faz com que os atletas aprendam mais rapidamente às informações transmitidas.

Para Chelladurai (1991) é fundamental para um treinador esportivo saber como ensinar. De acordo com Santos e Filho *apud* Machado e Filho (2001) o treinador deve conhecer os mais variados métodos de treinamento e a técnica dos fundamentos, devendo assistir a jogos e treinos de outras equipes, trocando idéias com outros técnicos e demais

peessoas ligadas à modalidade, procurando, sobretudo aprender a se especializar, estando sempre atento e sabendo como transmitir seus conhecimentos a seus atletas, para que eles verdadeiramente possam assimilá-los e aplicá-los nos treinamentos ou jogos, procurando também, e principalmente, utilizar métodos que facilitem a aprendizagem por parte de seus atletas.

Pinto *apud* Mendes (2009) considera que o treinador deve saber e dominar os conhecimentos e técnicas de intervenção em áreas complexas e distintas que vão desde a metodologia de treino às dinâmicas de grupo.

Carravetta (2006) diz que os processos interativos entre treinadores e atletas se dão, nas diversas categorias do clube de futebol, por adequação, assimilação e fusão. Ambos perseguem os mesmos objetivos, que são estabelecidos nos primeiros momentos de suas relações com o grupo. As propostas e as metas que organizam se concretizam e os resultados são compartilhados, mas essas mesmas propostas podem ser alteradas de acordo com o tempo de treinamento ou em função dos resultados obtidos em competições.

Atributos de um bom treinador, segundo Azevedo (2007), experiência, disciplina, equilíbrio emocional, capacidade de observação do conjunto, conhecimentos técnicos e táticos, organizar e coordenar os trabalhos da comissão técnica, ser generalista e detalhista, liderança e habilidade no relacionamento humano, seriedade, sensibilidade e facilidade de comunicação para transmitir suas idéias, motivação e persuasão, ser prático, intuitivo e científico, ter paciência para ensinar.

A coerência, a segurança, a ética e a autoridade do treinador são referenciais fundamentais para o equilíbrio das relações com o grupo, para o desenvolvimento técnico da equipe e para a formação integral do futebolista (CARRAVETTA, 2006).

3.3 Tipos de treinadores

Zilles *apud* Oliveira, Voser e Hernandez (2004), afirma que o treinador deve ser o grande líder e disciplinador da equipe, para poder comandar de forma correta os seus jogadores durante os treinos e jogos. Ele deve também ser didático, para saber planejar os seus treinamentos adaptados à idade de seus atletas e as qualidades por eles reveladas. As funções do treinador, segundo o ele seriam comandar os treinos (táticos, técnicos, dois toques,

coletivo e recreativo), dar preleção antes do jogo, comentários após os jogos, se possível estudos sobre futuros adversários, uma supervisão junto aos seus atletas em relação à disciplina dentro da quadra de jogo, uma supervisão junto aos seus auxiliares (comissão técnica) e um acompanhamento superficial da vida de seus jogadores fora do seu ambiente de trabalho.

Devido às suas características pessoais, experiências e formação profissional os treinadores segundo Carravetta (2001), apresentam diferentes manifestações de comportamento. Alguns são pontuais, disciplinadores, autoritários ou exigentes; outros são organizados, valorizam os aspectos pedagógicos e metodológicos, respeitam as regras morais e éticas. Por outro lado existem outros extremamente liberais, são exclusivistas, intuitivos, são vaidosos, não aceitam opiniões, o vencer está acima dos preceitos éticos.

De Abreu *apud* Oliveira, Voser e Hernandez (2004) estabelece e avalia pelo menos cinco categorias gerais do treinador:

- Treinador autoritário

Este tipo de treinador tem várias limitações, por exemplo: seu juízo nem sempre é acertado e seu código pessoal, algumas vezes, não vê outras soluções possíveis aos problemas individuais ou da equipe.

Características: crê firmemente na disciplina; com freqüência, usa medidas punitivas para reforçar as regras; é rígido com os programas ou planos; pode ser cruel ou sádico; não gosta de uma relação interpessoal íntima; com freqüência, é religioso e moralista; usa ameaças para motivar os atletas.

- Treinador flexível

As características desse tipo de treinador são opostas às do treinador autoritário. O flexível é agradável aos demais e está profundamente preocupado com o bem-estar de seus atletas. Inspira respeito, por razões extremamente diferentes das razões do treinador anterior. É popular e sociável.

Características: geralmente, relaciona-se muito bem com as pessoas; usa meios positivos para motivar os atletas; é muito complacente na planificação; com freqüência, é experimental.

- *Treinador condutor*

Em muitos aspectos este tipo de treinador tem traços de treinador autoritário. É similar na ênfase à disciplina, na força de vontade e na sua agressividade. Diferencia-se do treinador autoritário, pois é menos punitivo e mais emocional.

Características: está freqüentemente preocupado; recebe os problemas de forma pessoal; investe intermináveis horas no material didático; sempre exige mais do atleta; motiva os atletas com seu exemplo.

- *Treinador pouco formalista*

É exatamente o oposto do treinador autoritário. Aparenta não sofrer nenhum tipo de pressão. Para ele, tudo não é mais do que um desporto interessante, o qual se tem prazer de ganhar.

Características: não parece levar as coisas a sério; não gosta dos programas; não fica nervoso com facilidade; dá a impressão de que tudo está sob controle.

- *Treinador Formal ou Metódico*

Esse tipo de treinador aparece com mais regularidade na cena desportiva. Em geral sempre está interessado em aprender, raras vezes é egoísta e poucas vezes crê ter todas as respostas. Este treinador ultrapassa os demais em técnicas e habilidades para adquirir conhecimentos. Como o treinamento está se convertendo cada vez mais em uma ciência exata, usa todos os meios para acumular informações acerca de seus oponentes.

Características: aproxima-se do esporte de forma calculada e bem organizada; é muito lógico em seu enfoque; é frio em suas relações pessoais; possui alto nível intelectual; é pragmático e perseverante.

Martens et al. *apud* Oliveira, Voser e Hernandez (2004) também apresentam outra classificação, onde citam três estilos de treinador. O estilo autoritário, que toma todas as

decisões, sendo a missão dos atletas cumprir as ordens do treinador. O estilo submisso caracteriza-se por um treinador imprevisível, que hora se abstém e em outros momentos pode tomar decisões. E por fim, o estilo cooperativo, indicado como o estilo ideal pelos autores, onde os treinadores compartilham com os atletas as responsabilidades e a tomada das decisões.

Mutti (2003) faz referência à imagem que o treinador passa para a equipe. E essa imagem, sendo um retrato da sua personalidade, vai refletir no grupo, tendo uma relação pelo autor designada da seguinte forma:

Treinador	Equipe
medroso	sem confiança
desanimado	sem vibração
nervoso	sem equilíbrio emocional
indefinido	sem definição
confuso	sem padrao de jogo
sem autoridade	indisciplinada
pessimista	perdedora
seguro	confiante
tranquilo	calma
esclarecido	consciente
determinado	aplicada
coeso	unida
otimista	vencedora

Figura 1 – Imagem do treinador e reflexo na equipe

Fonte: Futsal da iniciação ao alto nível. (MUTTI. 2003, p.20)

3.4 Funções do Treinador

O treinador segundo Curado *apud* Mendes (2009) é um elemento essencial da atividade esportiva (futebol) porque nesse contexto todo ele acaba representando mais que um simples orientador de treinos e de jogos.

Como dito anteriormente, o treinador da atualidade assume uma função mais específica dentro da comissão técnica. Ele passa a ser o especialista que encabeça as decisões acerca da parte técnica e tática da equipe.

Para Rocha *apud* Mendes (2009) o treinador é o responsável pelo planejamento, gestão, seleção liderança, instrução e rendimento da equipe esportiva.

A partir disso assume-se que o treinador deve ser o responsável direto pelos treinamentos. Ele assume então o papel principal da equipe multidisciplinar de trabalho (CARRAVETTA, 2006).

A organização do treinamento é um procedimento primário do treinador na direção técnica da equipe. Cabe ao treinador como função também a parte técnica de seleção, indicação e aprovação do elenco de jogadores além da estruturação de toda rotina de trabalho que antecede aos jogos da equipe. Para Azevedo (2007), o treinador deve ser criativo no planejamento e realização das atividades.

Esta organização abrange o planejamento geral do ano de treinamento (periodização) que leva em consideração as competições ao longo da temporada, o planejamento especial que foca nos jogos do mês, cada jogo dentro da sua importância na competição em questão e o planejamento das sessões de treino que são unidades da periodização técnica e tática da equipe que pode ou não focar no próximo compromisso (jogo) a ser cumprido.

A seleção e a indicação de jogadores para a composição técnica da equipe e a qualificação competitiva são ações contínuas que exigem a participação efetiva de todos os membros da comissão técnica sob a liderança do treinador. De acordo com Carravetta (2006) as características técnicas individuais dos jogadores permitem a esse profissional, através dos treinamentos, definir o padrão de jogo e o plano tático da equipe. As estratégias são estabelecidas conforme situações específicas do jogo e o perfil da equipe adversária.

Por mais que a equipe esteja preparada para os jogos, muita coisa precisa ser redimensionada a partir do momento que a bola começa a rolar (DRUBSCKY, 2003). Situações novas surgem e necessitam de soluções imediatas. O técnico exerce papel importante na interpretação e interferência dos fatos.

Como citado por Carravetta (2006), muitos técnicos são contratados por causa das qualidades que possuem de conduzir suas equipes nos jogos. Mas é mesmo importante a presença do técnico à beira do campo? Essa dúvida existe na cabeça de muitos especialistas no assunto. Em todos os outros esportes coletivos ou individuais, os técnicos estão sempre perto de seus atletas durante as competições, e nunca é questionada a importância disso. Para Borsari (2002) a participação dos técnicos durante o jogo de futebol, é limitada e de pouca

influência e eficácia. Isso porque segundo o autor eles ficam condicionados a gritos e gestos nas laterais do campo e a uma única palestra com toda equipe no intervalo do jogo entre os dois tempos. Já para Carravetta (2006), o técnico à beira do campo é a presença viva da idéia de jogo do time e o ponto de convergência de tudo que se espera de um esporte coletivo.

Quanto a sua presença à beira do campo de treinamento, foram encontradas opiniões divergentes entre os autores, Carravetta (2006), por exemplo, acredita que não é preciso que o técnico principal vá a campo ministrar os diversos tipos de treinamentos à equipe. Para isso ele tem os treinadores auxiliares. Já Costa *apud* Mendes (2009) afirma que a presença do treinador durante a sessão de treinamento favorece a compreensão e aproveitamento das atividades. Podendo inclusive, com sua postura e atitudes agregar valores positivos àquele grupo de trabalho.

Técnico e preparador físico devem trabalhar lado a lado, desempenhando e valorizando seus papéis na busca de uma maior competitividade da equipe (AZEVEDO, 2007). Porém o técnico nunca poderá perder a responsabilidade maior em itens como: aprovação do elenco de jogadores, escalação e comando do grupo. (CARRAVETTA, 2006). Por suas mãos passará todo o plano de trabalho da equipe, sendo que não necessariamente precise ser idealizado.

Lima *apud* Castro (2006) cita que o treinador deve procurar conhecer melhor o atleta, além apenas de saber se pode ou não melhorar suas qualidades. Lima *apud* Castro (2006) ainda cita que prestar atenção em tudo o que rege seus atletas, como saber o que eles pensam, como foi seu dia-a-dia, o que eles sentem, o que eles acham sobre o trabalho realizado, é que justificará o aparecimento da “ciência” na formação do treinador.

Não é puramente a ciência que constrói o treinador, mas ela sem dúvida, agrega muito na sua profissão. O conhecimento da fisiologia, da biomecânica, da psicologia, metodologia de ensino, enfim, tornam o técnico de futebol mais esclarecido acerca do que acontece com seus atletas e lhe dá ferramentas para melhor executar seu trabalho.

Como dito anteriormente, não é a teoria somente que faz o treinador. Uma farta dose de prática é que constrói e consolida seus conhecimentos de campo. Mas é inegável que a atualização dos conhecimentos científicos faz do treinador um treinador melhor, com maior capacidade para lidar com seu grupo de trabalho e interagir com todos os elementos que regem sua profissão.

3.5 Pré-jogo: A preleção

As horas que antecedem uma partida de futebol são passadas num clima de muita expectativa e ansiedade. A preleção de jogo merece muita atenção em função disso. Nem tudo o que o técnico fala é ouvido pelo atleta e, às vezes, o que ele fala é interpretado de maneira diferente. Normalmente, o time só se dispersará após o confronto. Na preleção é que o jogo começa. Normalmente a preleção de jogo tem um formato definido, apesar de não ser muito rígido. Deve ser simples, objetiva e motivante. Na maioria das vezes é feita em ambientes de concentração. Mas ainda há aqueles treinadores que em situações especiais levam as palestras para os vestiários dos estádios. Brunoro e Afif (1997) dizem que no esporte o que faz a diferença é aquele algo mais que o atleta conseguir apresentar. Esse algo a mais, pode ser buscado na própria preleção.

A preleção de jogo é um momento de pura comunicação entre o comandante e seus atletas. O técnico deve estar atento à maneira como se posta perante os seus jogadores. Se não houver congruência entre as idéias expostas e a maneira como as expõe, sua mensagem não será transmitida. O técnico que prega uma postura ofensiva e está trêmulo e inconsistente na sua fala, sem dúvida não passará essa idéia aos jogadores.

Toda preleção deve ter a medida certa no tempo e na distribuição e clareza dos conteúdos, atendendo às necessidades de cada jogo. E qual seria a medida certa para tudo isso? Qual o enfoque a dar à preleção? Só o técnico pode saber. Só ele, auxiliado ou não, sabe o perfil do grupo que tem às mãos e a qualidade do trabalho desenvolvido.

Na minha opinião, o grande equívoco das preleções fica por conta dos técnicos que treinam de uma forma e minutos antes dos jogos pedem a seus atletas que joguem de outra ou determinam que executem uma tarefa que nunca treinaram, o que acaba sendo a mesma coisa. (parece absurdo mas é bem de comum de acontecer). Contudo, ao contrário do que muitos acreditam, numa palestra de jogo há questões táticas importantes a desenvolver. (eu acredito que a preparação do espírito competitivo da equipe é o maior benefício da preleção).

O técnico segundo Brunoro e Afif (1997), deve buscar o maior número de informações sobre o adversário e se possível conseguindo e mostrando aos seus jogadores alguma declaração mal colocada pelos rivais, e até mesmo se for possível a exibição de algum recurso audiovisual que mexa com os brios dos atletas.

O técnico deve ter cuidado ao falar do adversário nas preleções. Se superestimar suas qualidades, acaba desmerecendo o potencial da sua equipe. Se subestimar, pode criar

transtornos irreparáveis ao seu time durante os 90 minutos. Sempre quando falar do adversário o técnico deve procurar a medida certa para não dar dimensões erradas às dificuldades do jogo. Brunoro e Afif (1997) consideram a sensibilidade uma característica muito importante para um treinador de futebol. Pois é preciso saber encontrar os fatos que possam mexer com os jogadores e no momento certo passa-lo ao grupo.

Leitão (2008) diz que muitos de nós, quando escutamos falar em preleção, rapidamente somos remetidos ao pensamento da conversa pré-jogo ou competição, como um complemento ou suplemento final de informações sobre o jogo ou como uma “injeção” motivacional voltada para a partida. Devemos, no entanto olhá-la também como possibilidade presente durante as sessões de treinamento (e aí talvez muitos digam que preleção em treino é reunião, e não preleção).

Independente do nome que damos a ela, a preleção é uma ferramenta didática importante que, se utilizada antes de um jogo, completa um ciclo de trabalho planejado para a partida (LEITÃO, 2008). Se utilizada na semana de treinamentos auxilia na composição mais eficaz do trabalho (solucionando dúvidas, problemas e dando significado e mais consistência aos treinos).

Conforme Leitão (2008), quando se acaba uma partida, o treinador já deveria estar concentrado na próxima, de tal forma que a conversa pós-jogo (que é necessária) seja o marco inicial dos preparativos para o jogo seguinte (ou seja, ela deve ser pensada como primeira preleção para o próximo jogo).

Se entendermos a semana de trabalho que prepara para uma partida como parte de um processo, podemos visualizar a preleção pré-jogo como final dessa “parte”.

Ingenuamente corremos o risco de acreditar que essa preleção pré-jogo representa momento único e exclusivo para sensibilizar jogadores a colocarem suas “vidas” em campo. Daí atribui-se com certa freqüência, como resposta ao mau desempenho em campo, a ineficiência da preleção em injetar ânimo nos atletas.

A preleção pode e deve sim, colaborar como algo a potencializar o desempenho atlético. Mas assim é também a semana de trabalho. Todo dia, o tempo todo, cada treino deve ser uma oportunidade única dentro do processo para dar significado àquilo que se treina (significado físico-técnico-tático-mental). A motivação para o jogo precisa nascer nos treinos. A motivação para os treinos deve partir da significação dos mesmos.

4 Materiais e Métodos

4.1 Caracterização da Pesquisa

O estudo é do tipo qualitativo e se caracteriza por uma pesquisa descritiva exploratória.

Bogdan e Biklen (1982) *apud* Lüdke e André (1986), definem uma pesquisa qualitativa em cinco características básicas:

1. Tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como o seu principal instrumento.
2. Os dados coletados são predominantes descritivos.
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.

O “significado” que as pessoas dão às coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Triviños (1987), ao abordar esta característica, fala-nos que o significado manifesta-se através de produções verbais das pessoas envolvidas em determinadas situações e que comandam as ações que se realizam. Para Triviños (1987), o estudo descritivo pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade.

4.2 Sujeitos do Estudo

Foram entrevistados cinco treinadores das categorias de base de um clube de futebol profissional de Porto Alegre-RS

4.3 Instrumento de coleta de dados

4.3.1 Entrevista Semi-Estruturada

A necessidade de realizar uma aproximação de ordem mais qualitativa, buscando conhecer o pensamento dos treinadores sobre a preleção e a sua atuação na mesma, fez com que fosse escolhido a entrevista semi-estruturada como instrumento de obtenção de dados.

Segundo Triviños (1987, p.146), “podemos entender que este tipo de entrevista parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Para a realização da entrevista, organizou-se uma guia de entrevista, os quais servirão de estímulo às declarações dos treinadores. Os entrevistados poderão expressar-se livremente, porém o entrevistador, sempre que necessário, intervirá no sentido de retomar a direção do foco central do estudo, buscando o aprofundamento dos temas de interesse da investigação.

4.4 Análise dos Dados

O presente estudo, inicialmente, se limitará a identificar através do estudo de bibliografias ou artigos retirados da internet, aspectos que pudessem dar um referencial teórico de sustentação para a nossa pesquisa de campo. Serão realizadas muitas leituras, principalmente, sobre a atuação do treinador de futebol, sua formação, características e o seu trabalho no pré-jogo. A partir da coleta das informações das entrevistas serão relacionados entre si os pontos em comum bem como discutidos as divergências entre as ideias dos treinadores.

Para Bardin (1979), a análise de conteúdo abrange as iniciativas de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, com a finalidade de se efetuarem

deduções lógicas e justificadas a respeito da origem dessas mensagens (quem as emitiu, em que contexto e/ou quais efeitos se pretende causar por meio delas). Mais especificamente, a análise de conteúdo constitui:

“Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (BARDIN, 1979).

O processo de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, promovido pela análise de conteúdo, é organizado em três etapas realizadas em conformidade com três pólos cronológicos diferentes. De acordo com Bardin (1979) e Minayo (2000), essas etapas compreendem: a) **A pré-análise:** fase de organização e sistematização das idéias, em que ocorre a escolha dos documentos a serem analisados, a retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa em relação ao material coletado, e a elaboração de indicadores que orientarão a interpretação final. A pré-análise pode ser decomposta em quatro etapas: *leitura flutuante*, na qual deve haver um contato exaustivo com o material de análise; *constituição do Corpus*, que envolve a organização do material de forma a responder a critérios de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência; *formulação de hipóteses e objetivos*, ou de pressupostos iniciais flexíveis que permitam a emergência de hipóteses a partir de procedimentos exploratórios; *referenciação dos índices e elaboração dos indicadores* a serem adotados na análise, e *preparação do material* ou, se for o caso, edição. b) **A exploração do material:** trata-se da fase em que os dados brutos do material são codificados para se alcançar o núcleo de compreensão do texto. A codificação envolve procedimentos de recorte, contagem, classificação, desconto ou enumeração em função de regras previamente formuladas, e c) **tratamento dos resultados obtidos e interpretação:** nessa fase, os dados brutos são submetidos a operações estatísticas, a fim de se tornarem significativos e válidos e de evidenciarem as informações obtidas.

De posse dessas informações, o investigador propõe suas inferências e realiza suas interpretações de acordo com o quadro teórico e os objetivos propostos, ou identifica novas dimensões teóricas sugeridas pela leitura do material. Os resultados obtidos, aliados ao confronto sistemático com o material e às inferências alcançadas, podem servir a outras análises baseadas em novas dimensões teóricas ou em técnicas diferentes.

4.5 Pressupostos Éticos

Inicialmente foi realizado um contato inicial com o treinador para verificar da possibilidade do mesmo em aceitar participar da pesquisa. Após o aceite foi marcada o dia e a hora para a entrevista. Antes de realizar a entrevista o entrevistado assinou um Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas e encaminhadas novamente na íntegra para aprovação e validação.

5 Discussão

A proposta desse estudo foi conhecer, através da opinião dos próprios treinadores de futebol, a importância da preleção no futebol, os aspectos relevantes de seu trabalho nesse momento importante que antecede as partidas e como tal preparação influencia no contexto do jogo ou na partida em si. Após inúmeras entrevistas realizadas, observou-se com clareza que a preleção é importante porque é nela que se passa a última palavra e os detalhes finais para o jogo e há um consenso entre os entrevistados de que a preleção inicia nos treinamentos da semana que antecede aos jogos, com informações técnicas e táticas relevantes ao enfrentamento do adversário.

Quanto a importância da preleção no futebol, é possível verificar muitos aspectos em comum. Os cinco entrevistados admitem o valor e a importância da preleção antes dos jogos. Os treinadores citaram ainda que é muito importante começar este trabalho durante a semana, com conversas e explicações aos atletas que já ganha ares de preleção. Os fatores técnico-táticos tem a predominância no trabalho semanal anterior ao jogo, é o momento onde se apresenta aos atletas situações de jogo pertinentes ao adversário.

A motivação também é fator relevante citado pelos entrevistados, a mobilização final, o fechamento para o jogo, com a intenção do aumento de concentração dos atletas. Para Andrade et al. (2006) um dos principais meios psicológicos, utilizados no futebol, é a motivação que pode provocar modificações no rendimento e desempenho dos atletas. Ela está presente em treinamentos, preleções, concentrações e principalmente nas competições, onde ocorrem vários fatores que podem provocar alterações no estado do atleta e da equipe.

Os treinadores também julgam que na preleção é o momento de acertar os últimos detalhes, algum fato que foi deixado para trás ou até mesmo lembrar tudo o que foi feito para aquele jogo, como citado pelo entrevistado 2: “...como se fosse um pré-prova, uma revisão para a prova”.

Outra questão proposta aos entrevistados diz respeito aos conteúdos abordados na preleção. Três foram os elementos mais citados: conteúdos técnico-táticos trabalhados na semana, motivação, contexto do jogo (adversário, local, clima, etc.). Em todas as entrevistas observou-se que existe muito em comum nos conteúdos trabalhados durante a preleção. Todos admitem fazer da preleção um momento de observação aos detalhes técnico-táticos como cita o entrevistado 5: “...Os aspectos que eu abordo, normalmente são o posicionamento, balanço defensivo, alguma movimentação que a gente trabalhou durante a semana...”. E a motivação

que entra como item muito citado como instrumento de mobilização do grupo, inclusive podendo se utilizar de recursos de áudio e vídeo.

Quando questionados sobre os momentos de realização da preleção, existe um consenso entre os entrevistados de trabalhar bastante durante a semana, na preparação do time para o jogo, há o foco no adversário e se trabalha a parte técnica e tática em função dele, fazendo reuniões e desenvolvendo conversas com o grupo de trabalho (atletas em conjunto com a comissão técnica) que já assumem um caráter de preleção.

O vestiário no local do jogo foi bastante citado, mas muito mais com um caráter motivacional, como dito pelo entrevistado 1: *“No vestiário é mais motivacional do que tático...”*. Salvo exceções onde o local do jogo não ofereça estrutura, a preleção é ministrada no próprio clube antes da saída para o jogo.

As palestras de véspera foram bastante citadas, em especial um dia antes da partida, com recursos maiores, como quadro magnético e vídeo. Onde podem ser passados mais detalhes acerca de posicionamento, táticas e estratégias para o jogo. O entrevistado 3 diz que *“...usar todos os recursos que tu tiver à disposição para fazer uma preleção sucinta, objetiva e clara para os atletas comprarem a tua idéia”*.

Falando posteriormente sobre o tempo médio de duração da palestra, as opiniões foram parecidas sobre a necessidade de se fazer uma palestra rápida e eficiente. Porém observa-se que a duração média variou para cada treinador. O treinador entrevistado 1 por exemplo disse que *“a palestra não passa de 40 minutos”*, alegando que o motivo *“perda de foco”* é o principal agente que prejudica o andamento da palestra.

Sobre o tema foi encontrada a reportagem na Zero Hora de 05 de junho de 2010 sobre o treinador Jorge Fossati (ex-treinador do S.C. Internacional) que fazia preleções demasiadamente longas. Como descrito na matéria: *“As palestras antes dos jogos, por exemplo. Longas, cansativas, intermináveis aos ouvidos dos jogadores. Chatas. Algumas duravam quase uma hora.”* (OLIVIER, 2010). Isso para os padrões culturais do futebol brasileiro foi praticamente como um tiro no pé, usando um jargão bem popular. Ainda: *“Hoje em dia as preleções mal batem nos 20 minutos. É só o tempo de lembrar o que já foi discutido durante a semana e oferecer uma palavra de entusiasmo. Do contrário, é um convite à dispersão. Produz efeito contrário: em vez de energizar, relaxa.”* (OLIVIER, 2010). Afinal de contas, o treinador estrangeiro, já tem certa dificuldade com o idioma, métodos de trabalho um pouco diferentes dos da cultura do futebol brasileiro e para completar se utiliza de palestras extremamente teóricas e longas: *“Testemunhas garantem que houve bocejos nas palestras de Fossati. A ideia de acordar cedo para fazer alongamento no Beira-Rio em dia de*

jogo irritava mesmo os mais pacientes e disciplinados. É algo medonhamente fora da cultura brasileira.” (OLIVIER, 2010). Como citado na reportagem, foi um dos motivos da “queda” do treinador.

Ainda sobre o tempo médio, o entrevistado 2, cita que o treinamento, o trabalho durante a semana é um elemento que ajuda a definir o tempo da palestra: “...*nos jogos semi finais eu cheguei a dar palestras de meia hora, quarenta e quarenta e cinco minutos, mas porque eu tinha pouco treino*”. Mas que hoje, o tempo média das palestras é de 15 à 30 minutos.

O entrevistado 3 diz que “...*na categoria sub-11, quando muito, 10 minutos...*” o que mostra realmente que a linha de trabalho é fazer palestras curtas, objetivas e eficientes. O entrevistado 4 utiliza de 10 à 15 minutos pois: “...*a gente ressalta alguns pontos da questão tática . da estratégia do jogo e a questão motivacional, pilha bastante os garotos para entrar em campo daí acaba sendo de 10 à 15 minutos*”. Já o entrevistado 5, trabalha em média de 20 à 25 minutos a preleção e foca em “*ser bem direto, bem objetivo*”.

Como observa-se, o tempo da preleção varia para cada treinador, um aspecto que devemos levar em consideração são as respectivas faixas etárias de trabalho, por exemplo, o treinador entrevistado 5, trabalha com garotos de 9-10 anos de idade, então há de ser compreensivo para certos aspectos como citado por ele mesmo: “*não chego a fazer muito motivação porque as vezes eu acho que guri de 10 anos não precisa muito senão eles ficam nervosos com a motivação.*”.

Outro aspecto é o número de treinamentos por semana, como trabalham no mesmo clube, todos os entrevistado têm em média 3 treinos por semana, com exceção dos entrevistados 1 e 4 que treinam 5 vezes por semana. Então como dito anteriormente, quanto mais se trabalha na semana, menos tempo de palestra se faz necessário.

A última questão levantada nas entrevistas diz respeito a partida em si, os entrevistados foram questionados sobre a influencia da palestra na partida. As respostas foram bem equilibradas, pois foram levantados pontos relevantes tais como: o treinamento da semana ser o mais importante, a motivação, a revisão, os esclarecimentos de dúvidas.

Três treinadores dos cinco, disseram que a palestra influencia, o entrevistado 2 por exemplo cita que a preleção antes do jogo influencia justamente porque “*é aquele último momento... A palestra é um lembrete*”.

O treinador 4 por exemplo cita que é na palestra que “*tu pode ressaltar alguns pontos que podem acontecer no jogo e que vai acabar sendo muito importante*”.

O treinador 3 comenta que “*a palestra é fundamental*”, mas frisa que é ela não pode ser muito longa. Ainda sobre a palestra influenciar o jogo, ele diz: “*certa vez fiz os gurus chorarem e tomei cinco a zero na partida. Porque tipo, emocionei demais os gurus...*”.

Os entrevistados que disseram que a preleção antes dos jogos não influencia na partida são enfáticos em dizer que “*o que vai influenciar é o treinamento*” como diz o entrevistado 5. O treinador 1 também diz que a palestra não influencia no resultado, até porque “*...já tive situações em que vídeos, palestras, detalhes táticos e daqui há pouco uma falta de atenção nos primeiros cinco minutos decidiu um grenal...*”.

Ainda que dois treinadores tenham respondido que a palestra não influencia na partida, todos estão de acordo que nada substitui o trabalho. O bom trabalho, feito com competência, coerência, dedicação, durante a semana. A palestra vem a ser um complemento de tudo. Só a palestra não ganha jogo.

6 Conclusão e encaminhamento de novos estudos

Conseguimos chegar a algumas conclusões a partir das entrevistas, das leituras e das observações durante as entrevistas.

A primeira conclusão é a de que a linha de trabalho de cada treinador não segue necessariamente uma orientação do clube, esta se linha de trabalho se deve muito mais às experiências profissionais e pessoais de cada treinador (bem como seu jeito de lidar com os atletas, ministrar os treinamentos, enfim, organizar a rotina de trabalho).

Segundo, a preleção é, referida por todos como elemento fundamental no pré-jogo, praticamente inexistente o trabalho de um treinador sem a presença da preleção. Ela é ferramenta de ajustes, de finalização, de motivação, de mobilização do grupo para um objetivo comum (que é alcançar o melhor resultado em uma partida).

A partir dos resultados das entrevistas, foi possível fazer mais algumas considerações importantes. A preleção é utilizada principalmente com a finalidade de relembrar os atletas de todo conteúdo trabalhado na semana que antecede o jogo. Acertar os últimos detalhes, lidar com algum fato novo e trabalhar a motivação, a mobilização final para a partida que começará.

Os conteúdos técnicos e táticos trabalhados na semana são os mais abordados nas palestras mais longas, aquelas que podem ser realizadas um dia antes ou em turno anterior ao do jogo. Mas informações sobre o contexto do jogo são bastante citados em palestras mais curtas, bem como os elementos de motivação (vídeos curtos, mensagens de familiares, etc.).

Os recursos mais utilizados nas palestras são o quadro magnético e o vídeo. Sendo que “durante a semana de trabalho” foi o período mais citado pelos treinadores entrevistados, sendo referido principalmente porque nele se tem mais tempo de conversar sobre o adversário e de trabalhar com dedicação as questões técnico-táticas para a partida.

O vestiário antes do jogo é o local preferido para passar a última mensagem, sendo que os treinadores sempre citando que a palestra um dia antes ou no turno anterior ao jogo também é muito importante.

A duração média da palestra é bastante variável, para alguns, 10 minutos, para outros 15, 20 e 30 minutos. Mas todos são unânimes a respeito da necessidade de se fazer palestras rápidas, claras, objetivas e eficientes para que se possa traduzir em algum benefício dentro do campo de jogo. Como citado “muitas palestras acabam tendo de 20 à 30 minutos e acaba sendo uma palestra chata, que os guris não conseguem mais prestar atenção...”.

Sobre a influencia da palestra no jogo, os treinadores divergiram nas opiniões, mas chegam em um consenso sobre “nada substituir o trabalho na semana”. Concluimos com isso que há de se ter um equilíbrio no trabalho. Usar as palestras como complemento e não como total aposta para vencer uma partida.

Todos os treinadores entrevistados mostraram ter conhecimento do assunto e indicam ter uma metodologia de trabalho bem parecida no que tange a utilização da preleção, juntamente com os treinamentos da semana. Como referido anteriormente, a individualidade do treinador, suas experiências profissionais e todas as demais situações que ajudaram a moldar seu modo de trabalhar fazem com que cada um tenha uma maneira diferente de conduzir seu grupo, por isso cabem mais pesquisas relacionadas ao trabalho do treinador de futebol e a relação deste com suas demandas (dentre elas, a preleção) afim de que possam ser elaboradas estratégias mais eficientes, ou até mesmo desenvolvidos novos conceitos acerca do tema.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. *et al.* A influência do tempo de prática na motivação intrínseca de atletas de futebol masculino, da categoria juvenil de clubes profissionais. **Educación Física y Deporte Revista Digital**, Buenos Aires, ano 11, vol 96, Maio 2006. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd96/motivac.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2009.
- ARGIMON, Irani L. *et al.* **Técnicos de futebol e a prática da psicologia no esporte**. 2006. Disponível em <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0273.pdf>>. Acessado em 20 ago. 2010.
- AZEVEDO, P. H. **Comissão Técnica no Futebol: evolução na administração técnica do futebol**. Disponível em: <http://vsites.unb.br/feff/downloads/paulo-henrique/comissao_tecnica_no_futebol.pdf>. 2007. Acessado em 28 ago. 2010.
- AZEVEDO, P. H. **O treinador e o treinamento no futebol**. 2007. Disponível em: <http://vsites.unb.br/feff/downloads/paulo-henrique/treinador_e_treinamento_futebol.pdf>. Acessado em 28 ago. 2010.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BARRIONUEVO, M. **O mundo sabe cada vez mais sobre futebol**. 2008. Disponível em: <<http://www.manoelbarrionuevo.net/artigos/sobrefutebol.htm>>. Acessado em 20 ago. 2010.
- BECKER JR, B. **Manual de Psicologia do Esporte e Exercício**. Porto Alegre. Ed. Novaprova. 2000.
- BORSARI, J. R. **A evolução do Futebol: o combate á violência e o resgate da ética e do Fair Play**. São Paulo. EPU. 2002.
- BOTH, J.; MALAVASI, L. de M. Motivação: uma breve revisão de conceitos e aplicações. **Educación Física y Deporte Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, vol. 89, Out. 2005. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd89/motivac.htm>. Acesso em 01 nov. 2009.
- BRACCINI, V. **Características do Treinador sobre o ponto de vista da ação**. 2008. Disponível em <<http://www.braccini.com.br/dicas02.htm>>. Acessado em 20 ago. 2010.
- BRUNORO, J.C.; AFIF, A. **Futebol 100% profissional**. São Paulo. Editora Gente. 1997. p. 13-85.
- CARRAVETTA, E. S. **Modernização da gestão no futebol brasileiro**. Porto Alegre. AGE. 2006.
- CARRAVETTA, E. S. **O jogador de futebol: técnicas, táticas e rendimento**. Porto Alegre. Mercado Aberto. 2001.
- CASTRO, G. de O. **Perfil de um treinador no mundo globalizado**. Fortaleza. RDS Gráfica e Editora. 2006.

- CHELLADURAI, P. O treinador e a motivação dos seus atletas. **Treino Desportivo**. Lisboa. n. 22, p. 29-36, dez. 1991.
- COSTA, I. T.; SAMULSKI, D. M. O perfil de liderança dos treinadores de futebol do Campeonato Brasileiro Série A/2005. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 20, n. 3, p. 175-84, jul/set. 2006.
- COSTA, M. D. A. **Teoria dos estilos de lideranças, traços de personalidade e teoria contingencial**. 2008. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/business-management/management/1790558-teoria-dos-estilos-lideran%C3%A7a/>>. Acessado em 30 jun. 2009.
- DRUBSCKY, R. **O Universo Tático do Futebol: Escola Brasileira**. Belo Horizonte: Editora Health, 2003.
- FILHO, D. de A. C. **Estilo de Liderança de treinadores esportivos e seus atletas**. 2005. Disponível em: <http://www2.prudente.unesp.br/pefes/dino_artigo.pdf>. Acessado em 01 Nov. 2009.
- GOMES, A. R. da S. **Liderança e relação treinador-atleta em contextos desportivos**. Braga, Portugal, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho. 2005. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3334/1/Tese-Doutoramento-Rui%20Gomes.pdf>>. Acessado em 01 nov. 2009.
- JESUS, G. M. São Paulo: A cidade e o Futebol. **Educación Física y Deporte Revista Digital**, Buenos Aires, ano 8, vol. 46, Mar. 2002. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd46/cidade.htm>. Acessado em 26 ago. 2010.
- LEITÃO, R. Preleções - além do senso comum: Conversa com o grupo antes dos jogos pode ser fundamental para complementar a preparação. **Universidade do Futebol: Aplicação e estudos técnicos**. 2008. Disponível em: <<http://www.cidadedofutebol.com.br/ConteudoCapacitacao/Artigos/Detalhe.aspx?id=1781&p=>>>. Acessado em 14 set. 2009.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, João F. V.; FILHO, José F. **Caracterização dos critérios de seleção utilizados para a formação de equipes esportivas: análise preliminar no contexto de esportes coletivos e individuais**. 2001. Disponível em: <http://www.saudeemmovimento.com.br/revista/artigos/fitness_performace/v1n0a1.pdf>. Acessado em: 26 ago. 2010.
- MENDES, A. M. R. A. **Perfil do treinador de futebol de formação**. Porto, Portugal. 2009. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/22035/2/Perfil%20do%20treinador%20de%20futebol%20de%20forma%C3%A7%C3%A3o%20estudo%20da%20percep%C3%A7%C3%A3o%20de%20treinadores%20acerca%20das%20caracter%C3%ADsticas%20de%20excel%C3%Aancia.pdf>>. Acessado em 28 ago. 2010.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo. Hucitec, 2000.

MUTTI, D. **Futebol de salão, arte e segredos**. São Paulo. Hemus Editora. 1990. p. 9-14.

MUTTI, D. **Futsal, da iniciação ao alto nível**. São Paulo. Phorte. 2003. p 3-28.

OLIVEIRA, F. A. P. **O contrato de trabalho do jogador de futebol**. 2002. Disponível em: <<http://agata.ucg.br/formularios/ucg/institutos/nepjur/pdf/contratodetrabalhodojogadordefutebol.pdf>>. Acessado em 26 ago. 2010.

OLIVEIRA, J. L.; VOSER, R. da C.; HERNANDEZ, J. A. E., A comparação da preferência do estilo de liderança do treinador ideal entre jogadores de futebol e futsal. **Educación Física y Deporte Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, vol. 76, Set. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd76/lider.htm>>. Acessado em: 01 nov. 2009.

OLIVEIRA, Nélon. **Futebol! Organização Dinâmica**. 2005. Disponível em: <<http://futebolices.blogspot.com/2005/11/futebol-organizacao-e-dinmica.html>> . Acessado em 26 ago. 2010.

OLIVIER, D. **As sonolentas palestras que derrubaram Fossatti**. *Zero Hora*, Porto Alegre, versão digital, 05 jun. 2010. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=2&local=18§ion=Esportes&newsID=a2927402.htm>>. Acessado em 17 ago. 2010.

ROMÁN, G. **História das Copas – 1930 – Uruguai**. Disponível em: <<http://futebolacervo.blogspot.com/2010/01/historia-das-copas-1930-uruguai.html>> . Acessado em 26 ago. 2010.

SILVA, K. C. **Relação entre o estilo de liderança e as motivações dos liderados**. 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/25231/1/relacao-entre-o-estilo-de-lideranca-e-as-motivacoes-dos-liderados/pagina1.html>> . Acessado em: 01 de Nov. 2009.

SIMÕES, A. C.; RODRIGUES, A. A.; CARVALHO D. F. Liderança e as forças que impulsionam a conduta de técnico e atletas de futebol, em convívio grupal. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, 12(2): 134-144, jul./dez. 1998.

TEGA, E. C. **A Evolução das Comissões Técnicas no Futebol**. 2008. Disponível em: <<http://cadernodecampo.com/2008/09/11/a-evolucao-das-comissoes-tecnicas-no-futebol/>>. Acessado em: 30 jun. 2010.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo. Atlas. 1987.

VENZON, H. **Futebol Interativo**. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1998.

ZANINI, M. **Gestão, negócios e comportamento**. 2009. Disponível em: <<http://moacirzanini.blogspot.com/2009/05/lider-e-o-que-mais.html>> . Acessado em: 30 de jun. 2009.

WEINBERG, R. S; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício.** 2^a ed. Porto Alegre. Artmed Editora. 2001.

ANEXO 1

Termo de Consentimento

Eu, _____, concordo em participar deste estudo, sabendo que o mesmo objetiva identificar o papel do treinador durante o momento do pré-jogo chamado preleção. Estou ciente de que esta pesquisa se faz relevante para o campo esportivo, em especial o futebol, visto que o pré-jogo é um elemento que faz parte da estruturado treinamento e é um tema pouco abordado nas literaturas especializadas.

Eu compreendo que minha participação é inteiramente voluntária. Recebi informações específicas sobre os procedimentos nos quais estarei envolvido (responder uma entrevista semi estruturada, tendo a entrevista gravada pelo pesquisador), do processamento, análise e divulgação dos resultados. Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento. Além disso, sei que novas informações, obtidas durante o estudo, me serão fornecidas e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação da pesquisa, em face dessas informações. Também me foi garantido pelo pesquisador, sigilo, assegurando a privacidade dos dados envolvidos na pesquisa.

Caso tiver alguma dúvida, entrar em contato com o pesquisador responsável João César Nunes Tortorella, pelo fone 0 XX 51 96121781, ou com o professor orientador Rogério da Cunha Voser, pelo fone 0 XX 51 33626318. Declaro ainda, que recebi cópia do presente consentimento.

	Nome	Data
Assinatura do participante		

	Nome	Data
Assinatura do investigador		

Este formulário foi lido para

em _____ / _____ / _____ pelo

_____ (nome do pesquisador) enquanto eu estava presente.

	Nome da Testemunha	Data
Assinatura de testemunha		

ANEXO 2

Questões levantadas aos entrevistados

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

NOME:

IDADE:

ESCOLARIDADE:

ANOS DE EXPERIÊNCIA COMO TREINADOR:

CATEGORIAS QUE JÁ TRABALHOU:

CATEGORIAS QUE TRABALHA ATUALMENTE:

EX-JOGADOR (SIM OU NÃO):

- 1) Comente sobre a importância da preleção no futebol.
- 2) Quais aspectos você aborda na preleção?
- 3) Você realiza preleção em qual(is) momento(s) que antecedem a partida? (alojamento, vestiário...)
- 4) Quanto tempo é a duração média da preleção?
- 5) Quanto influencia a palestra antes do jogo em uma partida?

ANEXO 3

Entrevistas transcritas

ENTREVISTADO 1

NOME: J. L. B. L.

IDADE: 34

ESCOLARIDADE: Pós-graduado

ANOS DE EXPERIÊNCIA COMO TREINADOR: 13 anos

CATEGORIAS QUE JÁ TRABALHOU: sub-10, sub-11, sub-12 e sub-13

CATEGORIAS QUE TRABALHA ATUALMENTE: sub-13

EX-JOGADOR (SIM OU NÃO): não

1) Comente sobre a importância da preleção no futebol.

Eu tenho ultimamente feito as preleções, nas vésperas dos jogos, nos treinamentos. Tenho utilizado bastante a questão da parte tática, né, da parte técnica, procuro conhecer os adversários e trabalhar isso nos treinos e a preleção antes do jogo eu tenho feito mais na questão de concentração deles, de motivação, de último preparo que faltou, né, então, eu tenho feito ultimamente dessa maneira e vem dando resultado, né, então, fica uma preleção no dia do jogo mais de motivação, de aumento de concentração do que da parte técnica e tática que eu tenho utilizado na véspera nos treinamentos.

2) Quais aspectos você aborda na preleção?

Eu tenho cada jogo, né, cada jogo tem sua preleção, sua história. Eu procuro no decorrer observar o que aconteceu durante a semana né, e tenho utilizado muito o dia-a-dia deles da semana, então daqui a pouco um detalhe do menino que tava doente que se superou, um detalhe que nem eu te disse, uma informação que chegou depois do treinamento de algo que aconteceu, né, ou coisas que a gente vem observando no profissional, na própria televisão, de tentar sempre adaptar eles à realidade o mais próximo do profissional né, então é mais nesse sentido que a gente vem trabalhando a preleção.

3) Você realiza preleção em qual(is) momento(s) que antecedem a partida? (alojamento, vestiário...)

Durante a semana, trabalho durante a semana, não que eu não possa utilizar alguma coisa da parte tática no dia, mas é praticamente só relembrar né, uma retomada e nas viagens

sim que a gente costuma trabalhar com outros tipos de coisas, com vídeos, com quadros, na noite anterior, com outros tipos de trabalhos, daqui a pouco trabalhos em grupo né, pra gente até trazer eles mais próximos da gente que eles ficam distantes da família aí dez dias, então a gente procura trabalhar dessa maneira. No vestiário é geralmente mais motivacional do que tático é, então seria para eles entrarem ligados.

4) Quanto tempo é a duração média da preleção?

Em média de... Não passa de quarenta minutos. Eu acho que passar disso aí já desvirtua um pouco né, o foco, principalmente quando tu não tem o vídeo, tu não tem uma música, tu não tem um algo diferente, só conversando eu acho que não chega a passar de quarenta minutos, dá uma média de trinta minutos.

5) Quanto influencia a palestra antes do jogo em uma partida?

Acho que influenciar no resultado não vejo tanto né, eu acho que a palestra, o objetivo principal dela é que o time entre, tu mate aquelas dúvidas que o time tem para entrar em campo. Então daqui a pouco se tu deixar de fazer, pode ser que algum detalhe tu deixe escapar. Então isso sim pode influenciar no resultado, agora, que, um vídeo ou uma palestra de uma hora vá ganhar jogo, já tive situações em que vídeos, palestras, detalhes táticos e daqui a pouco uma falta de atenção nos primeiros cinco minutos decidiu um grenal. Em compensação já utilizei de outro lado palestras que foram simplesmente de concentração e com resultado positivo então, é muito relativo, o que é importante é o teu treinamento da semana né, e tu deixar eles concentrados, focados para a partida que vai iniciar, não fazer da palestra um teatro, acho que a gente tem que ser o mais objetivo possível.

ENTREVISTADO 2

NOME: W. S. R.

IDADE: 23 anos

ESCOLARIDADE: Superior completo

ANOS DE EXPERIÊNCIA COMO TREINADOR: 3 anos

CATEGORIAS QUE JÁ TRABALHOU: sub-11, sub-13, sub-14 e sub-17

CATEGORIAS QUE TRABALHA ATUALMENTE: sub-10

EX-JOGADOR (SIM OU NÃO): sim (até juvenil)

1) Comente sobre a importância da preleção no futebol.

Cara, a preleção é importante para tu dar aquelas dicas finais para o jogador em relação ao jogo. Explicar algumas coisas que tu não explicou do adversário. Eu acho que a preleção não é só no dia no jogo, é durante a semana de trabalho, ou daqui a pouco da meia semana de trabalho, do jogo que passou até o próximo jogo. Então tudo aquilo que passa, que são teus treinamentos, que são as conversas que tu tem com teus atletas, situações que tu vai passando faz parte da preleção. A preleção propriamente dita que o pessoal comenta é aquele momento que tu se reúne com teus atletas um dia antes da partida, dá para fazer um dia antes, dá para fazer tipo, se o jogo é de tarde dá para fazer de manhã, mas é aquilo que tu vai englobar como se fosse um pré-prova, uma revisão para prova. Na verdade é isso aí a preleção.

2) Quais aspectos você aborda na preleção?

Eu abordo em relação ao nosso time as questões da semana que a gente trabalhou, por aí, nessa primeira categoria não precisa muito, mas geralmente assim ó, as questões que tu trabalhou durante a semana e o que que tu pode encontrar no adversário, então na verdade tu vai tentar mapear o jogo, traduzir o jogo para os teus atletas, essa é a ideia, fazer com que o jogo para eles fique mais fácil, é a dar a dica, dar a instrução, dar as tintas para os guris. Essa é a ideia da preleção, e claro, dependendo, se motiva, se ajuda a motivar, uma palestra motivacional, tu pode usar recursos, eles podem ser motivacionais, eles pode ser táticos, eles podem ser comportamentais, eles podem ser de várias naturezas durante a preleção e aí vai de cada treinador escolher o que é melhor.

3) Você realiza preleção em qual(is) momento(s) que antecedem a partida? (alojamento, vestiário...)

É, depende muito, geralmente, vou te dizer o que geralmente se faz tá, nós temos jogo amanhã por exemplo, amanhã de tarde, a gente se apresenta, um jogo às três, a gente se apresenta à uma os guris fardam uma e meia, aí dura entre quinze e trinta minutos, depende muito do campeonato, depende muito da tua, daquilo que tu vai fazer. Por exemplo, se eu tô no profissional e é uma final de campeonato brasileiro por exemplo, final de libertadores, eu tenho que dar um pouco de atenção. Como são guris, como ah, o jogador de futebol tem um problema cara, ele não consegue escutar por muito tempo, então tu tem que ser sucinto na tua preleção. De tempo ideal que tu consiga sintetizar as coisas vai entre quinze e trinta minutos e isso geralmente um dia antes, um dia antes da partida, ou, eu prefiro, eu tenho feito, é o que eu mais uso é no dia do jogo. E aí sim tu tem que tentar usar o máximo de recursos de vídeo, não falar tanto, tu tem que pontuar, ponderar algumas coisas, usar vídeos, usar todos os recursos que tu tiver à disposição para tu fazer uma preleção sucinta, objetiva e clara e fazer os atletas comprarem a tua ideia.

4) Quanto tempo é a duração média da preleção?

Cara, hoje com a minha equipe entre 15 e 30 minutos, mas não passa de..., mas já dei preleções de...por exemplo, vou te dar um exemplo, nessas categorias "B" que a gente tem, a gente tem um treino por semana, tá, tem o metropolitano que o pessoal chama de LIGAFÁ, nas finais da LIGAFÁ, nos jogos finais, a partir das semi finais eu cheguei a dar palestras de meia hora, quarenta minutos, quarenta e cinco, mas porque eu tinha pouco treino. Como eu treino com os guris constantemente, eu consigo abordar com eles o que eu quero e eu sou exigente com a minha equipe com as coisas que eu quero treino-a-treino. Então, aí o tempo de preleção, ele diminui porque é o resumo da semana mais o mapeamento do jogo, possível mapeamento, é ideal quando tu conhece o adversário, mas na categoria que a gente tá não tem como conhecer os adversários todos, uns eu conheço, outros não.

5) Quanto influencia a palestra antes do jogo em uma partida?

Eu acredito, eu acho que influencia. Porque é aquele último momento né, não adianta tu fazer o treino direito na semana, tu fazer tudo direitinho e chegar no dia do jogo e não fazer né? A palestra é um lembrete, "ó o jogo tá a gente tá preparado", a gente tem que relembrar

algumas coisas porque daqui a pouco na semana eles esqueceram, foram tímidos e não perguntaram, então tu tem que fazer esse lembrete para eles. É uma revisão, tu revisa e aí na revisão tu tem que ser claro e objetivo, e aí dar aquele último clima para o jogo que não é na palestra geralmente, é quando o time fecha, a palestra é uma revisão cara, ela é importante pela revisão, para tu refrescar coisas na memória, essa é a grande validade da palestra, acho que aí ela te, ela dá a clareza que teu jogador precisa. Só a palestra não ganha jogo, não adianta se tu não treinar, tu tem que ter uma palestra coerente com aquilo que tu faz, com aquilo que tu pensa e aquilo que tu quer que a tua equipe execute em campo.

ENTREVISTADO 3

NOME: F. S. O.

IDADE: 37

ESCOLARIDADE: Superior incompleto

ANOS DE EXPERIÊNCIA COMO TREINADOR: 8 anos

CATEGORIAS QUE JÁ TRABALHOU: todas as categorias

CATEGORIAS QUE TRABALHA ATUALMENTE: sub-11

EX-JOGADOR (SIM OU NÃO): não

1) Comente sobre a importância da preleção no futebol.

Cara, a preleção no futebol na minha opinião ela é muito importante. Mas não aquela preleção que tá todo mundo acostumado que é a preleção aquela, antes do jogo. Para mim é mais importante a preleção durante a semana antes do jogo ou dos jogos, nos dias anteriores aos jogos. A preleção ela é fundamental porque é ali que tu ajeita algum último detalhe que tu te esqueceu de trabalhar durante a semana, que tu fala um pouco do teu adversário, mas tudo coisas que tu já tem tocado na semana, porque senão a preleção fica sem sentido, se tu não puder trabalhar um pouquinho em relação ao adversário, em relação à alguma coisa que tu tenha que estruturar de novo na tua equipe, que tu tenha que corrigir, ela fica sem sentido, tu só ali, preleção, fica uma coisa vazia, a preleção é para tu relembrar algumas coisas, no meu ponto de vista e de alguns outros treinadores. Eu por exemplo hoje em dia no adulto a minha preleção não passa de quatro minutos e meio ou cinco minutos. Porque a preleção já é dada toda semana cara, com a conversa sobre o jogo e etc. Meu time joga a liga estadual de futsal adulto, e aqui também com os meninos de onze anos cara, a preleção é dada durante a semana e daí uns cinco minutos ali a gente conversa algumas coisas para relembrar eles, para falar um pouco do adversário e a gente vai para o jogo.

2) Quais aspectos você aborda na preleção?

Cara a gente tenta fazer uma leitura do nosso time, como ele se encontra, o que corrigiu em relação um jogo ao outro, para que cada vez mais eles tenham um autoconhecimento enquanto equipe, para poder se conhecer porque isso é fundamental. A segunda é a gente falar alguma coisa em relação ao ambiente de jogo que está sendo formado, e a terceira é procurar informação durante a semana sobre o adversário e combinar alguma coisa como eu te disse, já foi feito durante a semana, mas lembrar alguma situação ali. Eu gosto muito de um livro, A Arte da Guerra, do Sun Tzu, então sempre as minhas preleções eu já começo abordando esse tipo de estratégia.

3) Você realiza preleção em qual(is) momento(s) que antecedem a partida? (alojamento, vestiário...)

Cara, preleção na verdade, eu não tenho a... é... A minha preleção é dada durante a semana, como eu te falei antes dos treinamentos, durante os treinamentos e, antes do jogo, como te falei, cerca de quatro ou cinco minutos, não tem que passar disso não, aí é no vestiário, eles fardam, daí eu faço a preleção e a gente já tá pronto para a partida.

4) Quanto tempo é a duração média da preleção?

Cara, média, vamos botar aí, na categoria sub-11 aqui, quando muito tempo, dez minutos. Eu tenho um preleção gravada de vinte e cinco minutos do meu grenal ano passado, da final que a gente ganhou de 2x0, vinte e cinco minutos, eu revendo ela vou te dizer que dava pra ter falado tudo o que eu falei em dez minutos. Foi a partir dessa constatação, que a gente gravou essa preleção, eu cheguei a conclusão que eu tinha falado muita coisa, enchendo a cabeça do guri que já tá com muita ansiedade, muita coisa e fiquei falando, falando, dava para ter cortado dez minutos. Foi aí que eu cheguei à conclusão de que o atleta, ele já trabalhou durante a semana, tu já conversou com ele durante a semana, tu não precisa fazer preleções longas né. Tem cara que faz preleção de uma hora e meia aí cara. Tudo bem que seja com vídeo, que seja não sei o que, mas pô, uma hora e meia antes de um jogo de uma hora e meia, é muito complicado. Aqui geralmente eu uso o quadro, as minhas informações. Na competição que a gente fez em fevereiro o Internacional me deu condições de fazer preleções com algum tipo de vídeo. Vídeo, um vídeo que tu pode pegar lá, que os

companheiros tem, vídeos aí motivacionais que estão aí no youtube para todo mundo. A gente pega e tenta adaptar a nossa realidade.

5) Quanto influencia a palestra antes do jogo em uma partida?

Olha cara, olha, o que que eu posso te falar, eu tenho, é, teve uma palestra, é o que te falo né, treinador sempre em formação, teve uma palestra uma vez que eu fiz os guris chorarem e tomei cinco a zero na partida. Porque tipo, acho que emocionei demais os guris, não sei, eu acho né. O ano passado por exemplo, meu time estava extremamente nervoso e na palestra do intervalo a gente acalmou e a mudança foi, foi... Eu acho que a palestra é fundamental, mas não a palestra longa, é, tem que ser uma coisa bem objetiva com o problema do time e se é um fator emocional, se é físico, se é tático, se é técnico, vai ali fala, mostra pra criança qual é o problema e qual é a solução. Eu acho que daí tu consegue mudar com uma conversa a forma como os meninos estão atuando durante uma partida.

ENTREVISTADO 4

NOME: M. E. F.

IDADE: 28

ESCOLARIDADE: Superior completo

ANOS DE EXPERIÊNCIA COMO TREINADOR: 8 anos

CATEGORIAS QUE JÁ TRABALHOU: sub-12 e sub-11

CATEGORIAS QUE TRABALHA ATUALMENTE: sub-13

EX-JOGADOR (SIM OU NÃO): Sim

1) Comente sobre a importância da preleção no futebol.

A preleção é muito importante né cara, mas principalmente a nível mais motivacional. Né, a questão de estratégia hoje em dia, estratégia, questões táticas e técnicas a gente anda deixando mais para durante semana né. Tu só aborda alguns pontos principais que a gente acha relevante ressaltar né, de que sobre questões táticas e técnicas. No mais é sobre o adversário, sobre a questão motivacional, deixar os guris num nível de motivação bom para a partida.

2) Quais aspectos você aborda na preleção?

Como eu falei é mais nível motivacional, a importância do jogo, qual jogo que tu vai jogar, o que tu vai disputar, da importância deles estarem no clube que eles estão né, e,

ressaltar alguns pontos das questões táticas e técnicas que tu acha importante para aquele jogo, né, seria mais voltado para o jogo em si que tu vai jogar.

3) Você realiza preleção em qual(is) momento(s) que antecedem a partida? (alojamento, vestiário...)

A preleção que a gente chama de palestra aqui no clube a gente utiliza antes dos jogos. A gente conversa muito com os atletas durante a semana, cada treinamento a gente senta antes e depois para comentar o treinamento né, o que não deixa de ser uma palestra que a gente está dando mas a gente acaba não chamando, acaba sendo mais uma conversa informal durante a semana e ela acaba tendo esse nome de preleção e de palestra mais antes dos jogos daí, que acaba sendo no vestiário bem antes da partida, antes dos garotos entrarem para o aquecimento, a gente já usa o quadro, cada vestiário tem seu quadro e a gente usa para as questões táticas mas é bem mais a nível motivacional a palestra.

4) Quanto tempo é a duração média da preleção?

Assim ó, antigamente a gente até demorava de uns 20 à 30 minutos. Hoje em dia a gente tem visto que o mais efetivo é uma palestra mais curta. Né, falar mais sobre a questão motivacional tudo e já largar os guris pro campo, né, que muitas palestras acabam tendo de 20 à 30 minutos e acaba sendo uma palestra chata, que s guris não conseguem mais prestar atenção, uma palestra sonolenta acaba se tornando. A gente só ressalta alguns pontos da questão tática, da estratégia do jogo e a questão motivacional, pilha bastante os garotos para entrar em campo daí acaba sendo hoje em dia de 10 à 15 minutos.

5) Quanto influencia a palestra antes do jogo em uma partida?

Com certeza ela influencia sim. Porque justamente como comentado nas outras questões, o tempo é importante, não pode ser sonolenta que deixa os guris, acaba deixando os guris meio devagar com uma questão de preguiça quando a palestra acaba sendo muito arrastada né, e se tu conseguir deixar o nível motivacional dos garotos num nível bom né, e em relação a tática e estratégia tu pode ressaltar alguns pontos que podem acontecer no jogo e que vai acabar sendo muito importante. Um ponto que tu acredita que vai decidir um jogo e vai acabar influenciando. Até, as minhas últimas palestras eu tenho frisado bastante aos atletas da importancia de não tomar gol de um certo fator, ou de outro e tudo e acaba dando no jogo

justamente o que a gente comenta na palestra, tudo que a gente colocou na palestra, questão de bola parada, estratégia, tudo acaba saindo bem certinho e com certeza influencia sim.

ENTREVISTADO 5

NOME: R. R. P.

IDADE: 26

ESCOLARIDADE: Superior completo

ANOS DE EXPERIÊNCIA COMO TREINADOR: 3 anos

CATEGORIAS QUE JÁ TRABALHOU: sub-14, sub-13

CATEGORIAS QUE TRABALHA ATUALMENTE: sub-10

EX-JOGADOR (SIM OU NÃO): Não

1) Comente sobre a importância da preleção no futebol.

Acho que a importância da preleção, ela é mais para lembrar alguns pontos que tu trabalhou durante a semana com os atletas para que ela não seja nem cansativa e nem curta demais. Tem sempre que tomar cuidado com o que vai pedir na preleção. Ela deve ser mais para lembrar aspectos trabalhados na semana do que para acertar alguma coisa do time no momento.

2) Quais aspectos você aborda na preleção?

Os aspectos que eu abordo, normalmente são o posicionamento, balanço defensivo, alguma movimentação que a gente trabalhou durante a semana, converso sobre o ambiente do jogo e sobre a circunstância, sobre tabela, sobre a importância de não sofrer gols ou fazer tantos gols, se o adversário está bem colocado ou não está, se o jogo é dentro ou fora, então, gramado, vento, esse tipo de coisa eu abordo com os garotos.

3) Você realiza preleção em qual(is) momento(s) que antecedem a partida? (alojamento, vestiário...)

A gente conversa com os garotos, prepara eles durante a semana, conversando também durante a semana, porque essa parte principalmente psicológica de conversar sobre as situações, sentimentos principalmente dos garotos de 10 anos, é importante que seja uma coisa constante, não só durante os jogos. Por mais que tu prepare os garotos eles chegam em alguns jogos decisivos e eles não estão preparados, eles acabam não conseguindo realizar o que eles realizam em qualquer jogo normalmente. Mas eu faço a preleção sempre no local do

jogo, então a gente acaba fazendo no vestiário no jogo, a não ser que o local lá não tenha um local para ter preleção, então daí a gente faz aqui antes da saída.

4) Quanto tempo é a duração média da preleção?

A duração média da preleção que eu faço não dura mais de 20 à 25 minutos no máximo, até porque a parte motivacional né, que as vezes uma preleção ela exige, a gente trabalha durante a semana e só relembra na preleção até porque se for muito tempo a garoto perde o foco né. Eu já fui em alguns congressos onde disseram que o foco de atenção de uma criança é de 6 minutos. São picos de atenção, eles ficam 6 minutos focados e falham 1 ou 2 minutos e daí mais 6 minutos de atenção. Então se tu levar muito tempo o garoto chega a encher o saco de tanto que tu tá falando e aí fica ruim. Então tem que ser bem objetivo, bem direto, tem que haver mudança de tom porque tu não pode falar tudo no mesmo volume, tem que mudar volume no meio da fala até para que eles se liguem né, tente mudar a atenção deles e tem que ser bem objetivo. E a parte motivacional só se é um jogo muito diferente. Eu não chego a fazer muito motivação com eles porque as vezes eu acho que guri de 10 anos não precisa muito senão eles ficam nervosos com a motivação, assim a maioria pelo menos.

5) Quanto influencia a palestra antes do jogo em uma partida?

Eu acho que não é muito. Até porque o que vai influenciar é o treinamento. Então como tu só relembra o que foi treinado o treinamento tem que ter sido bem feito para que na hora tu só relembre. Porque eu acho ninguém ganha jogo em palestra, acho que é mais ou menos isso. O Bernardinho diz que a preparação é a chave do sucesso, então se tu preparar bem os caras antes, os caras estarão focados e tu só vai lembrar eles. Acho que é isso.